

# O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO NA PERSPECTIVA PENTECOSTAL E NA REFORMADA

Me. Lidiane Ribeiro de Souza <sup>1</sup>

## RESUMO

É comum nos depararmos com debates acalorados entre cristãos pentecostais e reformados sobre o tema do batismo com o Espírito Santo. Ambos abordam o tema de perspectivas teológicas diferentes. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é explorar estas duas diferentes formas de interpretar o assunto. Para isso abordaremos cinco questões à luz de ambas as visões, a saber: A perspectiva pentecostal e reformada sobre o assunto, suas bases bíblicas, as evidências do mesmo, a relevância do material histórico na bíblia e por fim, o propósito do batismo com o Espírito Santo. Não pretendemos assumir uma das perspectivas, apenas apresentá-las e por fim, estabelecer uma breve análise. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e uma das principais conclusões alcançadas foi que, embora em ambas as posições existam pontos positivos e desafios a serem superados, o que não se pode abrir mão é do enchimento do Espírito, conforme Efésios 5:18, pois esta não é uma opção, mas uma ordem.

**Palavras-chave:** Batismo no Espírito Santo. Perspectiva Pentecostal. Perspectiva Reformada.

## ABSTRACT

It is common to come across heated debates between Pentecostal and Reformed Christians on the topic of the baptism with the Holy Spirit. Both approaches the subject from different theological perspectives. In this context, the aim of this article is to explore these two different ways of interpreting the matter. To do so, we will address five questions in light of both views, namely: the Pentecostal and Reformed perspectives on the subject, their biblical foundations, the evidence thereof, the relevance of historical material in the Bible, and finally, the purpose of the baptism with the Holy Spirit. We do not intend to adopt one of the perspectives, only to present them and, in the end, provide a brief analysis. The methodology used was bibliographic research, and one of the main conclusions reached was that, although both positions have their merits and challenges to overcome, what cannot be compromised is the filling of the Spirit, as per Ephesians 5:18; for this is not an option but a command.

**Keywords:** Baptism in the Holy Spirit. Pentecostal Perspective. Reformed Perspective.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação e Novas Tecnologias, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Aconselhamento e Gestão de Pessoas, graduada em Ciências Sociais pela UFPR e em Teologia (SEMIB e FACETEN). Diretora de ensino e professora do curso de graduação e pós-graduação da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). Contato: lidiane@faculdadebetania.com.br.

## 1. INTRODUÇÃO

Não há dúvidas de que a teologia do Espírito Santo constitui-se um dos temas mais importantes e relevantes da fé cristã. No entanto, é triste constatar que este vem sendo através dos séculos, um dos mais negligenciados dentro da teologia. Pouco se tem escrito e debatido essencialmente sobre a obra do Espírito Santo.

Com o nascimento do movimento pentecostal e sua forte ênfase na obra do Espírito Santo, esta realidade parece estar começando a apresentar alguns sinais de mudança. Mesmo entre as Igrejas históricas e teólogos reformados, parece estar havendo um interesse maior pela doutrina do Espírito Santo e sua aplicabilidade à vida cristã. Porém isto tem gerado certa polêmica em torno de algumas questões que dizem respeito a esta doutrina, e sem dúvida, o batismo com o Espírito Santo constitui-se em uma delas. Isto fica evidente principalmente quando tratamos de duas linhas de pensamento bastante distintas, o pentecostalismo e a tradição reformada.

Alertamos, porém, que o objetivo deste trabalho não é fazer apologia a qualquer um dos pontos de vista, antes nos propomos a fazer uma apresentação mais descritiva e analítica, da polêmica existente entre estes dois diferentes pensamentos teológicos acerca do batismo no Espírito Santo. Para isto, trabalharemos os temas mais polêmicos e eminentes envolvidos no debate.

No primeiro momento, faremos uma exposição da perspectiva pentecostal acerca da distinção e subsequência do batismo no Espírito em relação a regeneração, em seguida trabalharemos a argumentação bíblica, evidências do batismo, a relevância do material histórico na Bíblia, e o propósito do batismo. No segundo momento, faremos o mesmo com a perspectiva reformada, onde abordaremos basicamente as mesmas questões, com exceção da primeira, nesta falaremos mais acerca do conceito de batismo e plenitude. Por fim, faremos uma breve avaliação das duas posturas, onde buscamos ressaltar alguns pontos positivos e negativos envolvidos na prática desses conceitos.

## **2. BATISMO NO ESPÍRITO SANTO NUMA PERSPECTIVA PENTECOSTAL**

O pentecostalismo é com certeza, um dos maiores expoentes hoje, da teologia do batismo no, ou com o Espírito Santo. Que é tido como uma das principais marcas do movimento pentecostal. Este movimento tem experimentado um crescimento e influência tão fenomenal, essencialmente nos países latinos, que alguns líderes eclesiais já o reconhecem como uma “terceira força na cristandade”, isto ao lado do catolicismo e do protestantismo (STANLEY, 1996, p. 431). Com isto, não poderíamos deixar de levar em consideração o parecer dos pentecostais sobre a questão do batismo com o Espírito Santo.

E faremos isto levando em conta os fatores mais polêmicos e eminentes da questão que constitui-se dos seguintes temas: O batismo do Espírito Santo, distinto da regeneração; Argumentação bíblica; As evidências deste batismo; A relevância dos materiais históricos (Atos) e finalmente, o propósito do batismo no Espírito Santo.

### **2.1. O batismo no Espírito Santo é distinto da regeneração.**

É exatamente neste ponto que divergem grande parte dos estudiosos da Bíblia, e a compreensão deste fato constitui-se a chave para compreendermos a principal distinção entre pentecostais e reformados. Que o batismo no Espírito Santo é uma realidade bíblica não se pode negar, e nem é esta a intenção de ambos. Porém, o que muda é a maneira como se vê, ou entende o batismo no Espírito Santo.

Os pentecostais, ao contrário dos reformados, ver o batismo no Espírito, como uma experiência completamente distinta e subsequente à regeneração. Como deixa clara a Declaração de Verdades Fundamentais das Assembleias de Deus: “Ela é distinta da experiência do novo nascimento e subsequente a ela” (ibid., p. 436). Daí o termo “segunda bênção”.

Os pentecostais geralmente afirmam que as diversas formas apresentadas no Novo Testamento como: estar cheio do Espírito, receber o Espírito, o Espírito sendo derramado, caindo sobre, vindo sobre, tem o mesmo significado e refere-se à descrição da segunda bênção. Há, porém algumas exceções com respeito a esta afirmação, como é o caso de Martyn Lloyd-Jones que afirma que: “O batismo como

entendo, é a experiência inicial; o enchimento é uma experiência que pode ser repetida com frequência. E assim temos esses dois grandes termos: Ser batizado com o Espírito e ser cheio do Espírito.” (1998, p. 312).

Portanto, Lloyd-Jones entende que pode haver várias experiências com o Espírito, porém a primeira delas ele denomina como o batismo no Espírito. E faz questão de enfatizar que se trata de uma experiência e não de um processo. E assim sendo, é algo que deve ser buscado por cada um, e esclarece ainda que não devemos confundir o selo ou batismo no Espírito com a plenitude do Espírito e a santificação (LLOYD-JONES apud LOPES, 1996).

Stanley explica que, embora os pentecostais insistam que o batismo no Espírito Santo seja uma experiência distinta da regeneração, isto não quer dizer de forma nenhuma que aquele que ainda não teve esta experiência não tenha o Espírito. A partir do momento da regeneração, o Espírito já está habitando no crente, e daí em diante é correto dizer que ele tem o Espírito. Lucas, ao usar o termo batismo, não está tentando negar isto, ele está simplesmente dizendo que o batismo é uma experiência especial. É apenas uma das diversas obras do Espírito, assim como: convicção, justificação, regeneração e outras. (1996, pp. 454-455) Ou seja:

Todos os crentes têm o Espírito, porém todos os crentes, além de terem o Espírito, podem receber a plenitude ou batismo no Espírito Santo (...) que está à disposição do cristão convertido e regenerado, visando um propósito especial e específico. (ibid., p. 455).

Para os pentecostais, embora o batismo com o Espírito seja distinto da regeneração, ele muitas vezes pode acontecer em um intervalo de tempo quase que imperceptível após a conversão, já que a única exigência para recebê-lo é a conversão ou regeneração e a fé, que pode ser expressada através da obediência (submissão), oração e expectativa do recebimento. (ibid., pp. 431-461).

Portanto, numa perspectiva pentecostal, o batismo no Espírito Santo é visto como uma experiência distinta da regeneração, que pode acontecer, ou não, no momento da conversão, e a única condição prévia para recebê-lo é a conversão e a única exigência é a fé.

## 2.2. Argumentação Bíblica

Faremos então uma breve exposição sobre como os pentecostais trabalham sua argumentação bíblica em favor do ponto de vista distintivo entre regeneração e batismo.

Os que defendem a separabilidade do batismo no Espírito e regeneração, baseiam suas conclusões em grande parte no livro de Atos. Entendendo que: “O Antigo Testamento e os Evangelhos profetizam a respeito e a antevêm; as Epístolas tomam por certa a experiência e por isso fazem poucas referências a ela, ainda assim de modo indireto”. Por esta razão, a base para a argumentação pentecostal encontra-se principalmente nas seguintes passagens: At 2: 1:13; 8:4-19; 9:1-19; 11:15-17 e At 19:1-7. (ibid., p. 436).

Atos 2:1-13, que descreve o evento do Pentecostes. Embora Dunn sustente que os 120 ali presentes não eram cristãos no sentido do Novo Testamento até o dia do pentecostes (ibid., pp. 437-438), os pentecostais afirmam exatamente o contrário, as pessoas ali presentes que foram cheias do Espírito, já eram convertidas, já haviam se arrependido e entrado em uma nova vida em Cristo antes da descida do derramamento do Espírito. Martyn Lloyd-Jones em acordo com esta afirmação e opondo-se radicalmente ao ponto de vista de Dunn, declara:

Não posso aceitar isso porque, se eu cresse nisso, teria de crer que os discípulos e os apóstolos não haviam sido regenerados até o dia de Pentecoste - suposição essa que ao meu ver é completamente inadmissível. (LLOYD-JONES, 1998, p. 304).

O reavivamento em Samaria (At 8: 4-19) constitui-se em outra evidência em favor da distinção e subsequência. Já que o relato declara que multidões haviam atendido ao apelo de Filipe, e haviam sido batizados e nome do Senhor Jesus, muitos até haviam sido libertos de espíritos imundos, muitas pessoas haviam sido curadas, e por isso havia grande alegria naquela cidade. No entanto, os apóstolos, ao saberem deste fato, desceram para lá e oraram para que eles recebessem o Espírito, porquanto o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles.

No caso de Paulo (At 9:1-19), os pentecostais afirmam que ele se convertera no episódio da visão próximo a Damasco, onde ele ouvira a voz que falara com ele. Entretanto, apenas três dias depois, com a chegada de Ananias, ele

seria cheio ou batizado no Espírito. Já na experiência de Cornélio, e os outros gentios (At 19:44-48), os pentecostais argumentam que mesmo que tenham recebido o batismo no Espírito na mesma ocasião da regeneração, deve ter havido uma distinção.

Por fim, quanto aos discípulos em Éfeso, os pentecostais sustentam que estes já eram convertidos antes de encontrarem-se com Paulo, e este apenas lhes deu algumas instruções e então os batizou em águas, e em seguida o Espírito veio sobre eles, ao impor-lhes Paulo, as mãos.

Baseados nestes fatos, os que abordam o batismo no Espírito Santo como uma experiência distinta da conversão, alegam que nestes casos os indivíduos já eram crentes e já haviam passado pela regeneração. Concluindo assim, que Lucas ensina que a experiência do batismo é distinta da regeneração e normativa para a vida cristã em todo tempo. (STANLEY, 1996, p. 436).

Quanto a passagem de 1 Coríntios 12:13, que constitui-se a base principal da argumentação reformada, Lloyd-Jones explica que de fato ela ensina sobre o fato de que o Espírito batiza o crente, inserindo-o no corpo de Cristo, (a igreja) e isto dá-se na conversão, e sendo assim, todos os cristãos já foram objetos desta graça do Espírito. Porém, segundo ele, a palavra batismo é usada no Novo Testamento com vários sentidos diferentes. E, portanto, o termo usado em 1 Coríntios 12: 13 não é o mesmo usado nos Evangelhos e em Atos. (LLOYD-JONES apud LOPES, 1996).

Logo, fica claro que, para os pentecostais não resta dúvidas sobre a distinção e subsequência do batismo no Espírito e que ele está disponível para todos os cristãos hoje.

### **2.3. As Evidências do Batismo no Espírito Santo**

Surge neste momento, outra questão conflitante até mesmo entre os pentecostais: Existe alguma evidência do batismo no Espírito? É normativa? Quais são elas? As opiniões se divergem quanto a esta questão. E isso é o que veremos a seguir.

É verdade que grande parte dos pentecostais aponta o falar em línguas como a principal evidência do batismo no Espírito Santo. No entanto, esta não é uma regra geral para aqueles que sustentam a distinção e subsequência desta

experiência. Ocasionalmente assim, de acordo com Stanley (op. cit., p. 445), três principais opiniões sobre o falar em línguas como evidência física do batismo no Espírito, que podem ser classificadas da seguinte forma:

- (1) O falar em outras línguas não é evidência do batismo no Espírito.
- (2) O batismo no Espírito às vezes é evidenciado pelo falar em línguas.
- (3) O batismo no Espírito sempre é evidenciado pelo falar em línguas.

No primeiro grupo dos que argumentam que o falar em línguas jamais pode ser considerado como evidência do batismo, encontram-se além dos que assumem uma posição reformada, como veremos no segundo ponto, onde trataremos a perspectiva reformada com relação ao tema. Encontramos também alguns teólogos que afirmam o batismo como uma segunda bênção, mas que, no entanto, não creem que o falar em línguas constitui-se em uma evidência desta experiência, como é o caso de Lloyd-Jones.

Segundo Lloyd-Jones, não há nenhuma evidência bíblica de que a experiência do Batismo no Espírito deva ser acompanhada pelo falar em outras línguas, ou profetizar, ou qualquer outro tipo de manifestação extraordinária. Antes, a única evidência será “a certeza dada de forma direta pelo Espírito de que somos filhos de Deus”. (apud LOPES, op. cit.). E mais, ele afirma que o resultado desta experiência nos relatos bíblicos, o que ele reconhece como evidência bíblica: “Era a explosão de um grande amor por Cristo, profundamente derramado em seus corações pelo Espírito”. (LLOYD-JONES, 1998, p. 307).

Portanto, Lloyd-Jones não crê na existência de evidências externas, físicas. O que demonstra que ele não vê os relatos onde elas aconteceram como normativas. Contudo, acredita que as transformações ocorridas são internas, com convicção, e um grande amor por Cristo.

A segunda opinião, representada por vários estudiosos da Bíblia, entre eles Henry Lederle, sustenta que o falar em línguas pode ser uma das evidências, mas rejeita que seja a única, ou prova de que o batismo realmente aconteceu. (Apud STANLEY, 1996, p. 447). Logo fica claro que, o falar em línguas às vezes pode ser (ou não) uma evidência, já que existem outras, embora ele não deixe claro quais são. Com isso conclui-se que os relatos em Atos não são normativos com relação às evidências.

A terceira opinião é representada pelos que estudiosos chamam de “pentecostais tradicionais”, que afirmam com convicção que o falar em línguas (glossolalia) é a evidência inicial do batismo no Espírito, como expõe a Declaração de Verdades Fundamentais das Assembleias de Deus, no tema nº8 “O batismo dos crentes no Espírito Santo é testemunhado pelo sinal físico inicial de falar em línguas conforme o Espírito de Deus lhes conceder que falem. (At 2.4)” (ibid., p. 447). E isto baseados especialmente em Atos, onde elas aconteceram, como no dia de Pentecostes (At 2:4), a experiência de Cornélio (At 10.44-46), e no caso dos discípulos em Éfeso (At 19:6).

No caso dos demais eventos onde o falar em línguas não é descrito, como no caso de Paulo e os samaritanos, os pentecostais que sustentam a posição acima alegam que a evidência da glossolalia também aconteceu, assim como é comum a todo cristão batizado no Espírito, Lucas apenas não fez questão de repetir os detalhes, já que os seus leitores já deveriam estar cientes deste fato. (ibid., pp. 148-149).

Baseados nestes argumentos, teólogos de uma linha pentecostal tradicionalista afirmam que o falar em línguas (glossolalia) será sempre a evidência inicial do batismo, e, portanto, todo cristão batizado no Espírito deve falar em línguas, concluindo assim, que os três relatos de Atos onde aconteceu desta forma devem ser considerados normativos e aplicados para todo cristão em todo tempo.

#### **2.4. A relevância do material histórico na Bíblia.**

Talvez esta seja uma das mais importantes perguntas a serem feitas quanto tratamos questões tão polêmicas e tão intimamente ligadas ao material histórico da Bíblia, no caso, o livro de Atos. Qual a relevância deste material no que tange o ensino de doutrinas, prática e experiência cristã em nossos dias? Um dos principais argumentos da teologia reformada baseia-se exatamente nesta questão, pois como veremos mais detalhadamente no segundo ponto, estudiosos como John Stott alegam que o material de Atos constitui-se puramente de narrativas, histórias, e portanto não podem ser usados na formulação de doutrina e prática cristã. (STOTT, 1986, p. 12). Entretanto, os pentecostais opõem-se radicalmente a esse ponto de vista, considerando-o até mesmo arbitrário.



Stronstad reconhece que o material lucano é constituído de narrativa histórica, porém nega a suposição de que ele esteja destituído de funções instrutivas, invocando assim o princípio paulino. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra. (2 Tm 3.16-17.) Com isso, Stronstad conclui que: “O propósito de Lucas era didático, de catequese ou instrução, e não meramente informativo, ao contar uma história da origem e expansão do Cristianismo.” (STANLEY, 1996, p.442-443).

E Menzie, concordando com este parecer, afirma que: “O gênero literário de Atos não é meramente histórico, mas também intencionalmente teológico”. E os pentecostais não estão sozinhos quanto a esta postura em relação ao material histórico. Howard Marshall, um teólogo evangélico não pentecostal de destaque, afirma que Lucas era tanto historiador quanto teólogo. Gary B. McGee, também cita outros estudiosos com opinião semelhante a esta, e conclui: “Hermeneuticamente, portanto, os pentecostais fazem parte de uma linhagem respeitada e histórica de cristãos evangélicos que tem reconhecido legitimamente que Atos dos Apóstolos é um repositório vital de verdades teológicas.” (ibid., p. 444).

Sendo assim, fica claro que os pentecostais veem o material histórico do livro de Atos como conteúdo extremamente relevante para o ensino normativo de doutrinas, práticas e experiência cristã.

## **2.5. O Propósito do Batismo no Espírito Santo.**

O propósito desta experiência denominada pelos pentecostais como batismo no Espírito Santo, conhecida também como segunda bênção, talvez seja o ponto de maior consenso entre seus expositores. Embora haja raras exceções entre seus representantes mais famosos, como é o caso de Martyn Lloyd-Jones que sustenta que a essência ou propósito principal desta experiência é transmitir a certeza, convicção, autenticação, dada diretamente pelo Espírito de que de fato pertencemos a Ele, e somos filhos de Deus. (LOPES, 1996).

Com exceção de Lloyd-Jones, a grande maioria dos pentecostais concordam com a seguinte afirmação: “A igreja hoje, da mesma forma que a igreja

de Atos dos apóstolos, precisa do poder dinâmico do Espírito para evangelizar o mundo de modo eficaz e edificar o corpo de Cristo”. Ou seja, o batismo no Espírito tem como finalidade capacitar a igreja no cumprimento de sua missão. Como descreve Robert Menzies: “é um revestimento de poder para o serviço”. (STANLEY, op. cit., p. 447-456).

Diante de tais afirmações, resta ainda uma pergunta: que tipo de poder é este? O que vem a ser este poder? Como ele se manifesta? Charles Finney, um famoso avivalista do século XIX, que denomina o batismo no Espírito como “revestimento do Espírito”, refere-se a este poder da seguinte forma:

O poder de uma vida santa; o poder de uma vida de abnegação; o poder da vida de quem leva a cruz; o poder de grande mansidão; o poder de ensinar; o poder de uma fê viva e cheia de amor; o dom de línguas, maior poder para operar milagres; o dom da inspiração, ou seja, a revelação de muitas verdades que antes não conheciam; o poder da coragem moral para proclamar o evangelho e cumprir as recomendações de Cristo, custasse o que custasse. (FINNEY, 1980, p. 11).

Portanto, segundo os pentecostais, o principal propósito do batismo no Espírito é capacitar o cristão para o cumprimento mais eficaz de sua missão.

### **3. BATISMO NO ESPÍRITO SANTO NUMA PERSPECTIVA REFORMADA**

Passaremos neste momento a considerar o ponto de vista da tradição reformada a respeito do batismo com o Espírito Santo. Já que, como veremos no decorrer deste ponto, opõe-se radicalmente à perspectiva pentecostal. Para isso, assim como no primeiro ponto, iremos nos ater às questões mais eminentes no debate entre pentecostais e reformados.

#### **3.1. Batismo e Plenitude no Espírito Santo**

O batismo no Espírito na concepção reformada, como mencionamos, irá opor-se radicalmente ao ponto de vista pentecostal. Isto porque, enquanto os pentecostais o vêem como uma experiência completamente distinta da regeneração, ou conversão, ou seja, uma segunda bênção, com propósitos diferentes, os reformados entendem o batismo no Espírito Santo como um sinônimo de receber o dom do Espírito, dois termos diferentes para descrever a mesma experiência: o receber literalmente o Espírito no momento da regeneração.

Sendo assim, todo cristão é batizado no Espírito no momento em que crê em Jesus, como descreve John Stott:

“Dom ou batismo” do Espírito que são ambos a mesma coisa, e que descrevem uma bênção inicial (recebida no início da vida cristã) não subsequente (recebida algum tempo depois), e que, portanto, é uma bênção universal (concedida a todos os cristãos). (STOTT, 1986, p. 35).

Dentro da postura reformada esta definição é quase que unânime entre seus expositores. Tom Smail, autor de um artigo denominado “A Vida no Espírito Santo” descreve o batismo no Espírito no momento da conversão, dizendo que: “Somos batizados no Reino Espírito exatamente no momento em que somos batizados no reino de Jesus”. E invoca para isso o fato de que ninguém pode dizer “Jesus é Senhor” senão pelo Espírito Santo, e afim de refutar a ideia de que o batismo no Espírito seja o mesmo que os reformados chamam de “ser cheio do Espírito”, ele argumenta que: “Ser cheio do Espírito nunca será uma experiência definitiva, em cujo poder podemos viver pelo restante de nossas vidas”. (SMAIL, 2000, p. 254).

Ernest Pickering descreve o batismo no Espírito como uma obra instantânea, onde o crente é batizado no momento em que crê em Cristo. É uma obra inclusiva, porque todo crente verdadeiro é batizado com o Espírito." (1981, p. 60).

Embora os teólogos reformados sustentem que o batismo no Espírito se dê no mesmo momento da regeneração, Champlin faz questão de explicar que não se trata da mesma coisa, no entanto. O batismo espiritual não pode ser separado da regeneração, porque faz parte dela, segundo ele. É uma maneira diferente de completá-la. (1997, p. 468).

Portanto, o que fica claro é que na perspectiva reformada, o batismo no Espírito Santo nada mais é do que a bênção inicial, ou seja, a iniciação do crente no corpo de Cristo, e isto dá-se no momento da conversão com todos os cristãos. No entanto, após esta iniciação com o batismo no Espírito, há outro passo a ser dado, o encher-se do Espírito, um processo onde busca-se o encher-se completamente do Espírito Santo, o que John Stott, entre outros, denomina “Plenitude”.

Langston descreve a plenitude do Espírito como um passo além do batismo, um processo que se dá no momento em que vamos nos entregando, dia a dia, cada vez mais, à direção do Espírito Santo até que fiquemos completamente

cheios dele. E explica que este acontecimento é completamente diferente da bênção inicial. (1999, p. 274). O autor prossegue, dizendo:

Devemos, porém, notar que o homem que é crente pode ter já recebido o Espírito Santo, e o Espírito Santo pode já estar habitando nele, sem, contudo, estar cheio do Espírito Santo. Há grande diferença entre o receber-se o Espírito Santo quando se crê, e o ficar cheio do Espírito Santo; ou, em outras palavras, deixar-se influenciar pelo Espírito Santo, entregando-se inteiramente à sua direção. (ibid., p. 273).

Stott destaca que a principal diferença entre o batismo no Espírito e Plenitude do Espírito é que quando nos referimos ao batismo, estamos falando de uma experiência inicial única e definitiva, porém, acerca da plenitude, Deus quer que seja contínua, permanente. Entretanto, isto pode não ser uma realidade, já que nem sempre a plenitude será algo constante. (1986, p. 35).

Com isso, fica claro que para a postura reformada, o conceito de batismo no Espírito é oposto ao conceito pentecostal. Enquanto para os pentecostais, o batismo é distinto e subsequente à regeneração, e embora esteja à disposição de todo cristão, nem todos já o receberam. Já para os reformados o batismo no Espírito Santo refere-se a uma experiência de iniciação instantânea. Ou seja, ocorre exatamente no momento da conversão, ou regeneração, e, portanto, uma realidade na vida de todo cristão.

### **3.2. Argumentação Bíblica**

Não há dúvidas de que a argumentação reformada conta com uma variedade maior de passagens e textos bíblicos que, segundo eles, apoia seu ponto de vista, principalmente quando se trata de comprovar o recebimento do Espírito no momento da conversão (como Rm 8: 14-15; 8:9; 1 Co 6: 19; Ef 13 -14 e muitos outros). Porém, vale lembrar o que Stanley faz questão de enfatizar ao expor a perspectiva pentecostal, que este ao descreverem o batismo no Espírito distinto e subsequente a regeneração, não estão de maneira nenhuma negando este fato. No entanto, a tradição reformada entende estas passagens como um relato do batismo, enquanto os pentecostais não o denominam dessa forma. (STANLEY, 1996, p. 436).

Contudo, não há dúvidas de que a passagem de 1 Co 12:13, a única onde o mesmo termo é encontrado fora dos evangelhos e Atos, constitui-se em seu maior e mais precioso argumento. “Pois, em um só espírito, todos nós fomos

batizados em um corpo. Quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós, foi dado de beber de um só Espírito”.

Os adeptos desta postura quanto ao batismo no Espírito refutam a ideia de que Paulo estivesse simplesmente se referindo ao dia de Pentecostes, já que nem ele, nem os coríntios, estavam presentes. Entretanto todos tinham sido batizados e bebido do mesmo Espírito. (LOPES, 1996, p. 36). E com relação ao argumento de Lloyd-Jones de que o termo batismo, usado em 1 Co 12: 13, não se refere ao mesmo sentido em que é usado em Atos. Stott responde que:

“Em todas as sete ocorrências da frase, a ideia de batismo é expressa pelas mesmas palavras gregas *baptismo*, e *pneuma*, e portanto, a priori, deve ser entendida como se referindo à mesma experiência do batismo. (STOTT apud LOPES, id., p.36).

Stott ainda faz uma série de considerações a respeito desta passagem a fim de apoiar seu parecer. E baseado nisto ele chega à conclusão de que devemos olhar para todas as demais passagens de Atos através dele. Ou seja, entendendo que todo cristão é batizado no momento da conversão. (STOTT, 1986, p. 21).

Com relação ao dia de Pentecostes, além do argumento de Dunn, exposto no ponto anterior (p. 5), há um outro grupo que discorda de sua conclusão de que os 120 que receberam o Espírito no pentecoste não eram convertidos no sentido neotestamentário. No entanto, para negar a distinção e subsequência do batismo baseados neste evento, eles alegam que os relatos de At 2:1-13 são circunstância histórica. E vão além ao afirmar que o capítulo dois de Atos também descreve um outro grupo que recebeu o batismo ou dom do Espírito, porém a diferença é que os 120 já eram regenerados quando receberam o Espírito. Contudo, vale lembrar que esta trata-se de uma circunstância histórica. Já os 3.000 que ouviram as palavras de Pedro eram descrentes, mas receberam o perdão e dom do Espírito ao mesmo tempo, logo após terem se arrependido e crido. Portanto, a norma para os nossos dias deve ser o segundo grupo e não o primeiro. (ibid., p. 24).

Já o relato do reavivamento ocorrido em Samaria, é visto pela tradição reformada como uma anormalidade, um incidente. E com intuito de explicar a razão deste incidente, Stott argumenta que é razoável levarmos em consideração a rivalidade existente entre judeus e samaritanos, e mais ainda, a possibilidade de que isto pudesse causar uma séria divisão entre esses dois grupos, que seria levada para a igreja. Daí supor-se que justamente para evitar este problema, Deus

intencionalmente reteve o dom do Espírito para os samaritanos até que os apóstolos pudessem reconhecer e confirmar a veracidade de sua conversão. (ibid., p. 24).

J. I. Packer expressa sua opinião sobre este argumento dizendo que: “A suposição de que Deus reteve a manifestação do Espírito, até que os apóstolos pudessem ser o canal, de forma a impedir que o cisma samaritano-judaico fosse levado para a igreja, parece racional e relevante.” (1991, p. 199).

Quanto ao caso dos discípulos em Éfeso, Stott reconhece que se trata de outro incidente incomum e conclui que a razão por eles não terem recebido o Espírito ainda, é porque de fato, apesar de professarem a fé eles não eram realmente convertidos antes disso. “Não eram cristãos claramente convertidos. Com certeza, eles não podem ser considerados cristãos típicos nos dias de hoje. (op. cit., p. 26).

Já o relato sobre a experiência de Paulo constitui-se em um dos textos apontados pelos pentecostais, menos problemático para a refutação da postura reformada, já que para eles a visão a caminho de Damasco e o recebimento do Espírito com a chegada de Ananias, tratam-se de uma só experiência de longa duração, três dias, ou seja, Paulo não havia sido regenerado até a chegada de Ananias e somente neste momento se deu a conversão. E no caso de Cornélio, também não houve nenhuma distinção, ele juntamente com os gentios recebeu a Cristo e foram batizados com o Espírito instantaneamente. O que Pickering toma como uma comprovação em favor do parecer reformado. (1981, p. 60).

Portanto, para a teologia reformada, Paulo em 1 Co 12:13 expressa-se claramente em favor do ponto de vista que sustenta o batismo no Espírito como uma benção inicial, instantânea e universal, o que segundo eles é inegável. E mesmo o vendo como um texto conclusivo e suficiente para uma interpretação saudável do assunto, ainda tentam explicar de outra maneira os textos propostos pelos pentecostais.

### **3.3. As Evidências do Batismo no Espírito Santo**

Ao contrário do pentecostalismo, não é comum falar-se em evidências do batismo no Espírito Santo na perspectiva reformada. Pois, já que todo cristão já recebeu este batismo, o que subentende-se é que a única evidência é o novo

nascimento, ou seja, se uma pessoa é nascida de novo ela é batizada com o Espírito, sem que necessariamente haja alguma evidência externa.

Segundo Pickering, o batismo no Espírito é uma obra imperceptível. Embora muitos possam pensar ao contrário, não é algo que possamos sentir. "Não é experimental, isto é, um ato que é imperceptível aos sentidos" (ibid., p. 60). Tom Smail, argumenta que, ninguém pode falar, Jesus é Senhor, senão pelo Espírito Santo. O que dá a entender que esta pode ser considerada uma evidência, porém ele não o declara claramente. (SMAIL, 2000, p. 254).

No meio reformado é mais comum ouvir falar sobre as evidências da plenitude, que a maioria dos estudiosos reformados concordam ser a produção dos frutos do Espírito, descrita em Gl 5: 22-23, e não a prática dos dons, como pensam algumas pessoas. Langston expande um pouco mais este conceito acrescentando a alegria, vida vitoriosa e poder, como evidências da plenitude:

Se as nossas vidas não são frutíferas, vitoriosas e alegres, a culpa é nossa. Se há falta de poder em nossa vida (...) se as nossas pregações são sem efeito, é que não estamos devidamente relacionados com a fonte do poder, que é o Espírito Santo. (LANGSTON, 1999, p. 274).

Sendo assim, deve ficar claro que no meio reformado, diferente do pentecostal, não iremos ouvir falar de evidências do batismo no Espírito, mas de evidências da plenitude.

### **3.4. A Relevância dos Materiais Históricos na Bíblia.**

Encontramos neste ponto, o que poderíamos chamar de o centro da argumentação reformada. Esta constitui-se em uma das questões extremamente conflitantes entre ambas posturas, e dela decorre toda problemática em torno do assunto. As perguntas a serem respondidas são: Podemos considerar normativas passagens descritas no livro de Atos? Tinha Lucas a intenção de ensinar doutrinas, práticas e experiências da vida Cristã? A partir das respostas dadas a estas perguntas, tanto pentecostais quanto reformados formulam sua teologia.

Quando apontamos esta questão como o centro da argumentação reformada, estamos nos referindo ao fato de que estes sustentam que basicamente toda teologia pentecostal do batismo no Espírito está apoiada sobre o livro de Atos. O que é uma realidade. No entanto, não constitui-se uma hermenêutica saudável elaborar doutrinas e práticas cristãs apoiando-se em um livro, ou relato histórico.

Muitos debates têm se levantado em torno desta questão como vimos no ponto anterior, os pentecostais entendem que Lucas tinha uma intenção didática, porque era, além de historiador, um teólogo e por isso, Atos deve ser considerada uma fonte válida para ensinamentos e doutrinas. Já os teólogos reformados discordam radicalmente.

A Revelação do propósito de Deus na Bíblia deve ser buscada preferencialmente nas suas passagens didáticas, e não nas descritivas. Para ser preciso, devemos procurá-la nos ensinamentos de Jesus e nos sermões e escritos dos apóstolos, e não nas seções puramente narrativas. (STOTT, 1986, p. 26).

Stott explica que tal afirmação não quer dizer que as passagens descritivas da Bíblia não têm nenhum valor, mas que ela só terá valor ao ponto em que for interpretada pela que é didática, o que segundo ele não é o caso. Portanto não podemos considerar normativos os relatos de Atos nos quais se baseiam o ponto de vista pentecostal. (ibid., p. 26).

Se tivéssemos de tomar algum evento por normativo, tomaríamos a experiência dos três mil no dia de Pentecostes, que num mesmo evento se converteram, receberam o Espírito, e foram batizados com o mesmo Espírito (At 2. 38). (LOPES, 1996).

Fee, trabalha esta questão da seguinte forma: “O modelo original de Lucas é algo que faríamos bem em aplicar como padrão à nossa vida. Porém ainda assim, tal padrão não deve ser considerado normativo”. (FEE apud STANLEY, 1996, p. 442).

Sendo assim, para a teologia reformada o livro de Atos não pode ser considerado uma fonte válida para a formação de doutrinas e prática cristã, isto porque Lucas não tinha esta intenção. Sua intenção era apresentar um relato histórico da igreja primitiva. Contudo, não podemos fazer desses relatos um padrão normativo para nossos dias. Com isso a teologia do batismo no Espírito Santo distinto e subsequente a regeneração não pode ser sustentada.

### **3.5. O Propósito do Batismo no Espírito Santo**

Autores reformados não falam claramente sobre o propósito do batismo no Espírito. No entanto, subentende-se a partir do conceito de que ele é uma experiência de iniciação do cristão, e acontece no momento da conversão, e que seu propósito maior, é inserir o indivíduo no corpo de Cristo. Isto é o que alega



John Stott: “Ele é na verdade um meio de entrada no corpo de Cristo”. (STOTT, 1986, p. 29).

É mais comum no meio reformado, ouvirmos sobre o propósito da plenitude ou enchimento do Espírito, do que do próprio batismo no Espírito. E no que diz respeito ao propósito desta plenitude ou enchimento, os conceitos não diferem muito do que os pentecostais denominam de propósito do batismo. Entretanto, enquanto os pentecostais sustentam que o propósito do batismo no Espírito é capacitar cada cristão para o cumprimento de sua missão, tarefa esta que pertence a todos os cristãos. O parecer reformado, mais especificamente Stott, afirma que a expressão plenitude indica uma capacitação para um ministério ou cargo especial, citando assim o exemplo de João Batista e do apóstolo Paulo. Contudo os dois concordam que trata-se de “uma capacitação”. (ibid., p. 29).

#### **4. CONCLUSÕES**

Não temos aqui a pretensão de avaliar qual das duas posições teológicas está correta, ou mesmo nos pronunciarmos em favor de qualquer uma delas. Nosso objetivo, no entanto, consiste em fazermos uma breve avaliação do que consideramos que sejam os pontos positivos e negativos, e os perigos que decorrem de cada uma das posturas, tanto pentecostal quanto reformada.

Sem dúvida o ponto mais forte e admirável na teologia pentecostal é a ênfase dada à obra do Espírito Santo. O que tem despertado maior interesse em trazer à tona novos debates e discussões a respeito desta pessoa da Trindade, sua personalidade, atuação na vida cristã, e principalmente o seu envolvimento com a missão da igreja. Buscar na pessoa do Espírito Santo a força motriz e capacitadora para o cumprimento mais eficaz da missão delegada por Cristo é sem dúvida uma prática sadia e bíblica, e que deve servir de paradigma para a igreja em qualquer tempo. Especialmente para a igreja hodierna. E ressalta-se ainda o desejo de evidenciar o poder dinâmico do Espírito Santo retratados nas páginas do Livro de Atos, o que deveria ser almejado por todo cristão.

Porém o grande risco que correm os pentecostais é o de caírem em alguns extremos, e interpretações errôneas das Escrituras. Como por exemplo, julgar que aqueles que não tiveram uma experiência como a que se padroniza ser o batismo no Espírito Santo, sejam menos crentes ou espirituais do que os demais. Outro

grande perigo nos meios pentecostais, embora em tese isto não deva acontecer, é o fato de pensar-se, que pessoas que não são capazes de descrever uma experiência extraordinária e distinta com o Espírito Santo, não o possuem, no sentido de tê-lo presente, habitando em sua vida.

E por último, corre-se o risco de padronizar o agir do Espírito Santo, assim como seus dons. Por exemplo, o fato de achar que todo cristão deve falar em línguas estranhas, ou profetiza, etc., quando Paulo, ao tratar a questão dos dons espirituais na igreja de Corinto, deixa muito claro:

Porque a um é dado, mediante o Espírito (...) dons de curar, a outros operação de milagres; a outro profecia, a uma variedade de línguas, e a outros capacidade para interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito que realiza todas estas coisas, distribuindo-os conforme Lhe apraz, a cada um, individualmente (1 Co 12: 8-11).

Portanto, concluir que todo cristão para ser cheio do Espírito deve falar em línguas estranhas, ou se comportar de determinada maneira, é um erro que pode ocorrer principalmente nos meios pentecostais mais tradicionais, o que poderá acarretar uma série de distorções e problemas.

Passemos então a analisar a perspectiva reformada, que por entender o batismo no Espírito como uma experiência inicial e real na vida de todo o cristão, não corre o risco de fazer distinção ou criar uma hierarquia de espiritualidade dentro da igreja. E o fato de entender este relacionamento de plenitude e enchimento do Espírito como um processo. Torna muito mais fácil para o cristão a compreensão de que o viver no Espírito não se constitui de experiências eventuais, mas de um processo diário de esvaziar-se de si mesmo e entregar a direção do Espírito.

Devemos também ressaltar que, quando abordamos a busca de capacitação e força motriz para a missão da igreja na pessoa do Espírito, como uma característica positiva dos pentecostais, não estamos com isso sugerindo que no meio reformado isto também não seja uma realidade. No entanto, nas igrejas de tradição reformada, parece não ser dada a mesma ênfase nesta questão, na obra do Espírito, e suas manifestações.

E isto sem falar que, da mesma maneira que os pentecostais correm o risco de cair em alguns extremos ao enfatizar as manifestações do Espírito Santo, os reformados também correm, ao tentar corrigir os abusos e distorções, tentando coibir o agir e manifestações do Espírito na igreja. Alguns chegam ao extremo de

abrirem mão dos dons sobrenaturais do Espírito, como algumas pessoas denominam os dons alistados em 1 Co 12, que como a Bíblia deixa claro, foram dados para a edificação da igreja. O que com certeza não é uma maneira saudável de lidar com os problemas.

Diante de tantos conceitos e opiniões diferentes, uma coisa deve ficar muito clara para nós cristãos, que estamos interessados em cumprir a missão delegada pelo Mestre: "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura (Mc. 16.15)" A receita é muito simples: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vos o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra (At 1.8)". Não existe missão, sem poder do Espírito. Independente do termo usado, se no momento da conversão ou depois, o fato é que precisamos da capacitação do Espírito Santo para viver a vida abundante proposta pelo evangelho.

É indiferente, se consideramos o livro de Atos válido ou não para formulação de doutrinas. O fato é que Lucas não o escreveu em vão, relatos tão vívidos e preciosos de experiências tão belas vividas pelos primeiros cristãos, com a pessoa bendita do Espírito Santo, devem no mínimo nos desafiar profundamente a vivermos com a ousadia e paixão que eles viveram em função disto.

O encher-se do Espírito, não é uma opção, mas uma ordem, "E não vos embriagueis com vinho, em que há dissolução, mas enchei-vos do Espírito Santo." (Ef. 5:18). Portanto, cabe a cada um de nós, examinarmos a nossa vida, e questionarmos se isto é uma realidade para nós. Será que temos produzido os frutos do Espírito? Será que temos experimentado este poder dinâmico?

## **BIBLIOGRAFIA**

CHAMPLIN, Norman. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**. V.1. 4ª. ed. São Paulo: Candeia. 1997.

FINNEY, Charles G. **Uma Vida Cheia do Espírito**. 4ª. ed. Venda Nova: Betânia, 1980.

LANGSTON, B. **Esboço de Teologia Sistemática**. 12ª. impressão. Rio de Janeiro: JUERP, 1999.

LLOYD -JONES, Martyn. **Deus o Espírito Santo**. São Paulo: PET. v. 2. 1998.

LOPES, Augustus. *Martyn Lloyd-Jones, John Stott, e 1 Co 12:13: O debate sobre o Batismo com o Espírito Santo*. In **Fides reformata**, v.1, n.1, São Paulo: Editora Mackenzie, 1996.

PACKER, J.I. **Na dinâmica do Espírito**: uma avaliação das práticas e doutrinas. São Paulo: Vida Nova, 1991.

PICKERING, Ernest. **Doutrina do Espírito Santo**. São Paulo: JBR, 1981.

SMAIL Tom. A Vida no Espírito Santo. In: **Fundamentos da Teologia Cristã**. São Paulo: Vida, 2000.

STANLEY, Horton. M. (Ed) **Teologia Sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

STOTT, John. **Batismo e Plenitude do Espírito Santo**. Trad. Hans Udo Fuchs. 2ª. ed. São Paulo. Vida Nova, 1986.